DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS ENTRE ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE

ELIZANGILA SOUSA DE JESUS

RESUMO
O desenvolvimento infantil na Educação Infantil está diretamente relacionado às interações estabelecidas entre criança, escola, família e comunidade. Nesse contexto, a construção de vínculos e a atuação conjunta desses agentes tornam-se fundamentais para o desenvolvimento comportamental e socioemocional das crianças. Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da parceria entre escola, família e comunidade no desenvolvimento comportamental na Educação Infantil, com foco na realidade das Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI). Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada em referenciais teóricos que discutem o desenvolvimento infantil, a importância das relações sociais e o papel da família no processo educativo. A análise evidencia que a participação ativa das famílias e da comunidade no cotidiano escolar favorece a construção de comportamentos mais autorregulados, fortalece vínculos afetivos e contribui para um ambiente educativo mais acolhedor e significativo. A integração entre escola, família e comunidade é essencial para o desenvolvimento integral da criança, exigindo práticas pedagógicas intencionais e dialógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; EMEI; Desenvolvimento comportamental; Família; Comunidade.

ABSTRACT
Child development in Early Childhood Education is directly related to the interactions established among children, school, family, and community. In this context, the construction of bonds and the joint action of these agents are fundamental for children's behavioral and socio-emotional development. This article aims to analyze the contributions of the partnership between school, family, and community in behavioral development in Early Childhood Education, focusing on Municipal Early Childhood Education Schools (EMEI). This is a qualitative study based on theoretical references addressing child development, social interactions, and the role of the family in the educational process. The analysis shows that the active participation of families and the community in school life promotes selfregulated behavior, strengthens affective bonds, and contributes to a more welcoming and meaningful educational environment. It is concluded that the integration between school, family, and community is essential for children's holistic development, requiring intentional and dialogical pedagogical practices.

KEY-WORDS: Early Childhood Education; Child behavior; Family participation; Community.

INTRODUÇÃO

A educação Infantil constitui a base do processo educativo, sendo reconhecida como etapa fundamental para o desenvolvimento integral da criança. Nessa fase, que compreende os primeiros anos de vida, ocorrem importantes transformações nos aspectos cognitivos, emocionais, sociais e comportamentais, que influenciam diretamente a formação do sujeito. Nesse contexto, o desenvolvimento comportamental assume papel central, uma vez que está diretamente relacionado à construção da autonomia, da identidade e da capacidade de convivência em sociedade.

O comportamento infantil não pode ser compreendido de forma isolada ou reduzido a manifestações pontuais de conduta. Ao contrário, ele é resultado de um conjunto de experiências vividas pela criança em diferentes contextos, como a família, a escola e a comunidade. Esses espaços, ao se articularem, contribuem para a formação de valores, atitudes e formas de interação social. Assim, compreender o desenvolvimento comportamental implica reconhecer a criança como um sujeito histórico e social, que constrói seu modo de agir a partir das relações que estabelece com o meio.

Na perspectiva teórica, autores como Vygotsky (1998) destacam que o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais, sendo a mediação

do outro essencial para a construção de conhecimentos e comportamentos. Segundo o autor, as funções psicológicas superiores se desenvolvem inicialmente no plano social, para posteriormente serem internalizadas pelo indivíduo. Nesse sentido, o comportamento da criança é fortemente influenciado pelas relações que vivencia, especialmente com adultos e pares, que atuam como mediadores no processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Complementando essa abordagem, Wallon (2007) enfatiza a importância da afetividade no desenvolvimento infantil, destacando que emoção, cognição e movimento estão profundamente interligados. Para o autor, o comportamento da criança está diretamente relacionado às suas experiências afetivas, sendo essencial considerar o vínculo estabelecido com os outros no processo educativo. Dessa forma, ambientes acolhedores, que valorizam a escuta e o respeito às singularidades, contribuem significativamente para a construção de comportamentos mais equilibrados e socialmente adequados.

No contexto da Educação Infantil, a escola desempenha papel fundamental na mediação dessas relações, configurando-se como espaço privilegiado de socialização e aprendizagem. Entretanto, sua atuação não deve ocorrer de forma isolada. A família, enquanto primeiro núcleo social da criança, exerce influência determinante na formação de comportamentos, transmitindo valores, normas e formas de interação que serão levadas para o ambiente escolar. Da mesma forma, a comunidade amplia esse processo, oferecendo experiências culturais e sociais que contribuem para a construção da identidade e do pertencimento.

Diante disso, torna-se evidente que o desenvolvimento comportamental na infância está intrinsecamente ligado à qualidade das relações estabelecidas entre escola, família e comunidade. A ausência de diálogo entre esses contextos pode gerar rupturas no processo educativo, dificultando a compreensão das necessidades da criança e a construção de estratégias adequadas para seu desenvolvimento. Por outro lado, quando há uma atuação integrada e colaborativa, criam-se condições mais favoráveis para o desenvolvimento de comportamentos pautados na autonomia, no respeito e na convivência social.

Nesse cenário, a construção de vínculos assume papel central. Vínculos afetivos seguros entre criança, professores, familiares e comunidade favorecem a confiança, a expressão emocional e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Esses vínculos possibilitam que a criança se sinta pertencente ao ambiente em que está inserida, o que impacta diretamente seu comportamento e sua forma de se relacionar com o mundo.

Além disso, as diretrizes educacionais brasileiras, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reforçam a importância das interações e das brincadeiras como eixos estruturantes da Educação Infantil, destacando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento integral da criança. Tais orientações evidenciam que o processo educativo deve considerar não apenas os aspectos cognitivos, mas também as dimensões emocionais e sociais, valorizando a participação da família e da comunidade.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento comportamental na Educação Infantil, com foco na construção de vínculos entre escola, família e comunidade. Busca-se refletir sobre como essa integração pode contribuir para a formação de crianças mais autônomas, seguras e capazes de estabelecer relações saudáveis, bem como discutir práticas pedagógicas que favoreçam esse processo no cotidiano escolar.

O DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL NA INFÂNCIA

O desenvolvimento comportamental na infância constitui um processo complexo, dinâmico e multifacetado, marcado pela interação entre fatores biológicos, emocionais, sociais e culturais. Desde os primeiros anos de vida, a criança manifesta comportamentos que expressam suas necessidades, emoções e formas singulares de compreender o mundo ao seu redor. Tais manifestações não devem ser interpretadas de maneira isolada ou reducionista, mas como parte de um processo contínuo de construção de significados, no qual a criança experimenta, interpreta e reorganiza suas experiências. Nesse sentido, comportar-se não é

apenas responder a estímulos externos de forma mecânica, mas construir, progressivamente, formas de agir, de sentir e de se relacionar com o outro e com o meio em que está inserida.

Sob essa perspectiva, o comportamento infantil revela-se como linguagem, ou seja, uma forma de comunicação que expressa tanto aspectos internos quanto influências externas. Choros, gestos, atitudes de oposição ou cooperação carregam sentidos que precisam ser compreendidos no contexto das relações vivenciadas pela criança. Assim, o olhar do educador deve ultrapassar a dimensão do controle comportamental, buscando interpretar os significados que estão subjacentes às ações infantis, o que exige sensibilidade, escuta e intencionalidade pedagógica.

A perspectiva histórico-cultural contribui significativamente para essa compreensão ao destacar o papel das interações sociais no desenvolvimento humano. Conforme afirma Vygotsky (1998), "todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual" (p. 112). Essa afirmação evidencia que o comportamento não é inato ou fixo, mas construído a partir das experiências vividas no convívio social. Dessa forma, atitudes como cooperação, respeito, empatia e capacidade de resolver conflitos são aprendidas nas relações que a criança estabelece com adultos e pares, sendo internalizadas gradativamente.

Nessa mesma direção, o conceito de zona de desenvolvimento proximal permite compreender que a criança não aprende sozinha, mas em interação com o outro. Ao participar de atividades mediadas, ela é capaz de realizar ações que ainda não conseguiria de forma autônoma, ampliando suas possibilidades de desenvolvimento. Esse processo também se aplica ao comportamento, uma vez que a criança aprende a esperar sua vez, a compartilhar, a lidar com frustrações e a regular suas emoções a partir das intervenções e orientações recebidas.

Nesse contexto, o papel do educador torna-se essencial, pois sua atuação pode favorecer a internalização de comportamentos socialmente construídos, por meio de práticas intencionais, coerentes e significativas.

Além da dimensão social, é fundamental considerar a importância dos aspectos afetivos no desenvolvimento comportamental. Wallon (2007) enfatiza que emoção, cognição e movimento constituem dimensões indissociáveis do desenvolvimento humano, destacando que "a afetividade é o ponto de partida do desenvolvimento da criança" (p. 122). Para o autor, as emoções não apenas acompanham o comportamento, mas o estruturam, influenciando diretamente a forma como a criança percebe, reage e se relaciona com o mundo.

Nesse sentido, comportamentos como agressividade, choro, isolamento ou resistência não devem ser interpretados apenas como indisciplina ou inadequação, mas como manifestações emocionais que expressam necessidades, inseguranças ou dificuldades de regulação. Muitas vezes, a criança ainda não dispõe de recursos simbólicos e linguísticos suficientes para expressar seus sentimentos, recorrendo ao comportamento como forma de comunicação. Dessa forma, cabe ao adulto oferecer mediação adequada, ajudando a criança a nomear emoções, compreender situações e desenvolver estratégias mais elaboradas de expressão e convivência.

Outro aspecto relevante refere-se ao processo de construção da autorregulação, que se desenvolve gradualmente ao longo da infância. A criança pequena depende do adulto para organizar suas emoções e comportamentos, necessitando de intervenções que orientem, acolham e estabeleçam limites de forma consistente e respeitosa. Com o tempo e a repetição de experiências mediadas, ela passa a internalizar essas formas de regulação, tornando-se progressivamente mais autônoma.

Nesse contexto, compreender o desenvolvimento comportamental implica reconhecer a criança como sujeito ativo, em constante processo de construção, que necessita de apoio para aprender a lidar com frustrações, negociar conflitos, expressar sentimentos e participar de interações sociais de forma mais consciente. A Educação Infantil, ao proporcionar experiências de interação, convivência e expressão, desempenha papel fundamental nesse processo, configurando-se como espaço privilegiado para o desenvolvimento dessas competências.

Assim, ao considerar o comportamento

como construção social e afetiva, amplia-se a compreensão sobre o papel da escola e do educador, que deixam de atuar apenas como reguladores de conduta e passam a ser mediadores do desenvolvimento humano. Essa perspectiva contribui para práticas pedagógicas mais sensíveis, reflexivas e comprometidas com a formação integral da criança, favorecendo a construção de sujeitos mais seguros, empáticos e capazes de atuar de forma equilibrada em diferentes contextos sociais.

O PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A família representa o primeiro e mais significativo contexto de socialização da criança, sendo responsável por introduzi-la nas normas, valores e práticas culturais de seu grupo social. As experiências vivenciadas nesse ambiente influenciam diretamente a construção do comportamento, uma vez que é na convivência familiar que a criança aprende as primeiras formas de interação, comunicação e regulação emocional.

De acordo com estudos na área da educação e do desenvolvimento infantil, a relação entre família e escola é determinante para o sucesso do processo educativo. Quando há diálogo e parceria entre esses dois contextos, torna-se possível compreender melhor as necessidades da criança e atuar de forma mais coerente e eficaz. Nesse sentido, a participação da família na vida escolar não deve ser vista como complementar, mas como parte integrante do processo educativo.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) reforça essa ideia ao destacar que a Educação Infantil deve promover a integração entre escola e família, reconhecendo que “as experiências das crianças em seus contextos familiares e comunitários são fundamentais para a construção de aprendizagens significativas” (BRASIL, 2017). Tal perspectiva evidencia que o comportamento infantil é influenciado por múltiplos contextos e que a articulação entre eles favorece o desenvolvimento integral.

Além disso, é importante considerar que cada família possui suas especificidades, valores e formas de organização, o que exige da escola uma postura de escuta, respeito e acolhimento. Conforme destaca Paro (2012), a relação entre escola e família deve ser pautada no diálogo e na construção coletiva, evitando práticas que culpabilizem os responsáveis pelos desafios enfrentados no comportamento infantil.

Nesse contexto, a aproximação entre escola e família possibilita a construção de estratégias conjuntas para lidar com situações de desregulação, dificuldades de convivência ou outras demandas comportamentais. Quando há alinhamento entre os adultos responsáveis, a criança tende a sentir-se mais segura e a apresentar comportamentos mais estáveis, uma vez que encontra coerência nas orientações recebidas.

A COMUNIDADE COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO SOCIAL

A comunidade, entendida como o conjunto de relações sociais, culturais e territoriais que envolvem a criança, também exerce influência significativa em seu desenvolvimento comportamental. É nesse espaço que a criança amplia suas experiências, estabelece novos vínculos e entra em contato com diferentes formas de organização social.

A interação com a comunidade contribui para a construção da identidade e do sentimento de pertencimento, aspectos fundamentais para o desenvolvimento emocional e social. Ao participar de eventos, projetos e atividades comunitárias, a criança tem a oportunidade de vivenciar valores como cooperação, respeito à diversidade e responsabilidade social.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), a escola deve promover a articulação com a comunidade, reconhecendo-a como espaço educativo e valorizando as experiências culturais das crianças. Essa orientação reforça a ideia de que o processo educativo não se limita ao ambiente escolar, mas se estende às vivências sociais mais amplas.

Além disso, a presença da comunidade no cotidiano escolar fortalece a rede de apoio à criança e à família, contribuindo para a construção de um ambiente mais acolhedor e colaborativo. Projetos que envolvem a participação da comunidade, como eventos culturais, rodas de conversa e ações coletivas, ampliam as possibilidades de aprendizagem e favorecem o desenvolvimento de comportamentos sociais mais conscientes.

Dessa forma, a escola, ao se abrir para a comunidade, amplia sua função social e contribui para a formação de sujeitos mais participativos e críticos, capazes de compreender seu papel na sociedade e de agir de forma responsável em diferentes contextos.

A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

A construção de vínculos afetivos na Educação Infantil configura-se como elemento estruturante das práticas pedagógicas e como condição essencial para o desenvolvimento comportamental da criança. Mais do que estabelecer relações superficiais, trata-se de promover conexões significativas que envolvam confiança, segurança emocional e reconhecimento do outro. Nesse sentido, o vínculo não é apenas um aspecto relacional, mas um fundamento que sustenta a aprendizagem e a constituição subjetiva da criança.

A teoria do apego, desenvolvida por Bowlby (2002), oferece importantes contribuições para a compreensão desse processo ao evidenciar que a criança necessita de uma base segura para explorar o ambiente e desenvolver-se de maneira saudável. Segundo o autor, "o vínculo com a figura de apego fornece à criança um sentimento de segurança indispensável para o desenvolvimento" (BOWLBY, 2002, p. 223). Embora inicialmente associada ao contexto familiar, essa perspectiva pode ser ampliada para o espaço escolar, onde o educador assume papel relevante na construção de relações de confiança e acolhimento.

No contexto da Educação Infantil, a qualidade das interações estabelecidas entre professor e criança influencia diretamente o comportamento infantil. Crianças que se sentem acolhidas, ouvidas e respeitadas tendem a apresentar maior segurança emocional, o que favorece a autorregulação e a convivência social. Por outro lado, ambientes marcados por relações distantes ou pouco afetivas podem intensificar comportamentos de insegurança, resistência ou desregulação emocional.

Nessa perspectiva, a atuação docente exige sensibilidade para compreender que o comportamento da criança está frequentemente relacionado às suas experiências emocionais. Conforme destaca Wallon (2007), "a emoção é uma forma de adaptação ao meio e exerce papel fundamental nas relações sociais" (p. 145). Assim, práticas pedagógicas que ignoram a dimensão afetiva tendem a limitar o desenvolvimento infantil, enquanto aquelas que valorizam o vínculo contribuem para a formação de sujeitos mais equilibrados e conscientes de suas emoções.

Além da relação entre professor e criança, a construção de vínculos também envolve a articulação com a família. Quando a escola estabelece uma relação de confiança com os responsáveis, cria-se um ambiente mais favorável ao desenvolvimento infantil. Essa parceria possibilita a troca de informações, o alinhamento de estratégias e a construção de uma rede de apoio que fortalece o processo educativo.

Freire (1996) reforça a importância das relações dialógicas ao afirmar que "não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino" (p. 32), destacando que o educador precisa estar aberto ao diálogo e à escuta. Essa postura implica reconhecer a família como parceira no processo educativo, valorizando seus saberes e experiências. Quando há respeito e cooperação entre escola e família, a criança percebe coerência nas relações e tende a desenvolver maior segurança emocional.

A comunidade também desempenha papel relevante na construção desses vínculos, uma vez que amplia as possibilidades de interação e pertencimento. Projetos que envolvem o entorno escolar, como atividades culturais, eventos coletivos e ações colaborativas, favorecem a aproximação entre os diferentes sujeitos envolvidos no processo educativo. Essa integração fortalece a rede de relações da criança, contribuindo para a construção de sua identidade e para o desenvolvimento de comportamentos sociais mais conscientes.

Do ponto de vista pedagógico, a construção de vínculos pode ser intencionalmente promovida por meio de práticas que valorizem a escuta, o acolhimento e a participação ativa das crianças. Momentos de roda de conversa, mediação de conflitos, atividades colaborativas e o uso de estratégias que favoreçam a expressão emocional são exemplos de ações que contribuem para o fortalecimento das relações no ambiente escolar.

Além disso, é fundamental que o edu-

cador reconheça o tempo da criança e respeite suas singularidades. Cada criança estabelece vínculos de maneira única, e o processo de adaptação ao ambiente escolar pode demandar diferentes tempos e estratégias. Nesse sentido, o olhar atento e sensível do professor é essencial para identificar necessidades e promover intervenções adequadas.

Outro aspecto importante refere-se à coerência nas práticas educativas. Quando a criança vivencia relações pautadas no respeito, na empatia e na escuta, tende a reproduzir esses comportamentos em suas interações. Dessa forma, o vínculo não apenas favorece o desenvolvimento individual, mas também contribui para a construção de um ambiente coletivo mais harmonioso.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) reforça essa perspectiva ao destacar a importância das interações como eixo estruturante da Educação Infantil. Ao promover experiências que valorizam o convívio e o respeito mútuo, a escola contribui para o desenvolvimento de competências socioemocionais essenciais para a vida em sociedade.

Diante disso, compreende-se que a construção de vínculos não deve ser entendida como uma prática espontânea ou secundária, mas como uma estratégia pedagógica intencional, que exige planejamento, reflexão e compromisso por parte dos educadores. Investir na qualidade das relações no ambiente escolar significa promover condições mais favoráveis para o desenvolvimento comportamental, emocional e social da criança.

Portanto, ao reconhecer a centralidade dos vínculos na Educação Infantil, reafirma-se a importância de práticas pedagógicas que valorizem o humano, o diálogo e a afetividade. Essa perspectiva contribui para a formação de crianças mais seguras, autônomas e capazes de estabelecer relações saudáveis, consolidando o papel da escola como espaço de desenvolvimento integral.

CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo analisar o desenvolvimento comportamental na Educação Infantil, com ênfase na construção de vínculos entre escola, família e comunidade, compreendendo essa relação como elemento central para a formação integral da criança. Ao longo da discussão, evidenciou-se que o comportamento infantil não pode ser interpretado de forma isolada ou simplificada, mas deve ser compreendido como resultado de um processo complexo, construído nas interações sociais, nas experiências afetivas e nos contextos culturais nos quais a criança está inserida.

A análise teórica permitiu reafirmar que o desenvolvimento comportamental está diretamente relacionado à qualidade das relações estabelecidas pela criança, especialmente com adultos significativos. As contribuições da perspectiva histórico cultural, representada por Vygotsky, evidenciam que o comportamento é socialmente construído e internalizado a partir das interações, enquanto Wallon reforça a centralidade da afetividade nesse processo. Tais fundamentos indicam que práticas pedagógicas centradas apenas no controle de condutas são insuficientes, sendo necessário investir em abordagens que considerem a criança em sua totalidade.

Nesse sentido, destacou-se o papel fundamental da escola como espaço de mediação e de construção de experiências significativas, no qual o educador assume função essencial na orientação, acolhimento e promoção de interações que favoreçam o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. A atuação docente, quando pautada na escuta, no respeito e na intencionalidade pedagógica, contribui para a formação de crianças mais seguras, autônomas e capazes de conviver de forma ética e colaborativa.

Além disso, evidenciou-se que a participação da família constitui um elemento indispensável nesse processo, uma vez que representa o primeiro contexto de socialização da criança. A articulação entre escola e família, baseada no diálogo e na corresponsabilidade, possibilita maior coerência nas práticas educativas e favorece a construção de estratégias mais eficazes diante dos desafios comportamentais. Do mesmo modo, a inserção da comunidade amplia as experiências da criança, fortalecendo o sentimento de pertencimento e contribuindo para a formação de sujeitos socialmente participativos.

Outro aspecto relevante refere-se à construção de vínculos afetivos como estratégia pedagógica intencional. A qualidade das relações estabelecidas no

ambiente escolar impacta diretamente o comportamento infantil, uma vez que crianças que se sentem acolhidas e valorizadas tendem a apresentar maior estabilidade emocional e disposição para aprender. Assim, investir na construção de vínculos signifca promover condições mais favoráveis para o desenvolvimento integral, indo além de práticas pontuais e consolidando uma cultura pedagógica baseada na empatia e no respeito. Diante dessas refexões, compreende-se que o desenvolvimento comportamental na Educação Infantil exige uma abordagem integrada, que considere a criança em suas múltiplas dimensões e reconheça a importância das relações na construção do conhecimento e da identidade. Nesse contexto, a escola deve assumir uma postura aberta ao diálogo, fortalecendo parcerias com a família e a comunidade, e promovendo práticas pedagógicas que valorizem as interações, a escuta e a participação ativa das crianças.

Por fm, destaca-se a necessidade de ampliar estudos e práticas voltadas à compreensão do comportamento infantil sob uma perspectiva mais humanizada e contextualizada, superando visões reducionistas e normativas. Espera-se que este trabalho contribua para a refexão de educadores e pesquisadores, incentivando a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis e comprometidas com o desenvolvimento integral da criança, reafrmando o papel da Educação Infantil como espaço privilegiado de formação humana.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BOWLBY, John. Apego e perda: apego. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília: MEC, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática da escola pública. São Paulo: Ática, 2012.

PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.